

O feminino como constelação em devir nas literaturas africanas: um olhar para um conto de Mia Couto

Karoline Cipriano dos Santos³⁷

Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)

Guilherme Orestes Canarim³⁸

Centro Universitário Leonardo Da Vinci

Silvana Mazzuquello Teixeira³⁹

Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)

Resumo

Este trabalho trata do feminino como constelação em devir. Em especial, elaboramos alguns aspectos de uma tópica da expressão subjetiva feminina, por meio da leitura e análise do conto *A menina de futuro torcido* de Mia Couto. Nossa questão central é: de que maneira o conto *A menina de futuro torcido* evidencia os limiares do devir do feminino e suas constelações conceituais? Para explorarmos essa questão estabelecemos uma metodologia essencialmente bibliográfica, mas, também lançamos mão de elementos e instrumentos como revisão narrativa e abordagem ensaística. Partimos de três noções preliminares, que nos auxiliam na leitura, mas não nos limitamos categorialmente a elas. Com o suporte de autores como Oyewumi (2004), Adorno (2000), Silva (2016, 2017, 2020, 2021), entre outros, delineamos e evidenciamos algumas reflexões sobre o feminino, entendendo-o como um devir constelativo. Pudemos perceber muitas semelhanças com o Brasil e esboçar algum entendimento sobre essa semelhança, ainda que, em espaços geográficos distintos. A hipótese baseada em Oyewumi (2004), Brito e Paula (2013), entre outros autores, é que a colonização estendeu, violentamente, as relações de gênero da metrópole para as colônias, para os espaços roubados/invadidos. Pudemos perceber constelações conceituais entre feminino, pobreza, entretenimento, silenciamento e desespero pela sobrevivência.

³⁷ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação UNESC com apoio do FUMDES. Graduada em Pedagogia. Foi bolsista de Iniciação Científica nos anos de 2017, 2018 e 2019 sob orientação do professor Dr. Alex Sander da Silva. Participou do Programa Residência Pedagógica Subprojeto Pedagogia em 2018 e 2019. Atua nas linhas de pesquisa Educação, Formação de professores, Narrativas, Educação não-formal, infâncias e vulnerabilidade. Atualmente está atuando em atividades administrativas e monitoria do sistema Moodle no Setor de Educação à Distância da UNESC. Integrante do GEFOCS (Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, formação cultural e sociedade), coordenado pelo professor Dr. Alex Sander da Silva e pela Dra. Daini Barboza, de 2017 até o presente momento.

³⁸ Graduando do curso de filosofia-licenciatura no Centro Universitário Leonardo Da Vinci. Atualmente é membro do GEFOCS (Grupo De Estudos em Formação Cultura e Sociedade) e bolsista de iniciação científica do CNPq. Tem experiência em pesquisa no campo da educação, em especial nos temas: Formação Cultura, Filosofia da Educação e Teoria Crítica da Educação e Estética na Educação. Editor da Revista Saída desde 2015.

³⁹ 15/2016. Graduada em Licenciatura em Letras, foi bolsista em Pesquisa com um projeto chamado "A influência da variação linguística no processo de aquisição de linguagem escrita: recorte no fenômeno da semivocalização", e bolsista em Extensão, com projeto intitulado "Leitura literária com detentos", todos pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); Mestranda em Educação - UNESC, com temática sobre educação em prisões, até o momento. Suas pesquisas têm ênfase em Pesquisa e Docência, Políticas Públicas e Educação em Prisões/EJA.

Palavras-chave

Feminino. Literatura africana. Pensamento constelativo.

Introdução

Nesta pesquisa tratamos do feminino, entendendo-o como um processo em devir e elaborando-o a partir de uma leitura e análise de um conto. O tema proposto neste trabalho é resultante de leituras e estudos realizados no grupo de pesquisa GEFOCS⁴⁰, que, em geral, são sobre a Teoria Crítica da Sociedade, estudos do feminismo e interseccionalidades de gênero, raça e classe, estética, além de aspectos literários e ficcionais. A partir das discussões nasce a necessidade de explorar as literaturas africanas sob o campo teórico adotado, mais especificamente, parte da obra de Mia Couto, pela urgência de debates e olhares decoloniais, não ou menos eurocêntricos. Aqui é colocada a literaturas e narrativas africanas em perspectiva e debate, desde um espaço acadêmico sulamericano.

O problema que investigamos é o seguinte: de que maneira o conto *A menina de futuro torcido* evidencia os limiares do devir do feminino e suas constelações conceituais? Isto é, tratamos aqui da questão de como o feminino é tratado nas literaturas africanas, tentamos entender as representações ali presentes e suas possíveis raízes, mas também pensamos o Brasil a partir das representações, quando encontramos pontos de debate semelhantes nos dois espaços geográficos.

O currículo escolar é centrado na Europa e na sua visão, os debates no meio acadêmico também. Desse modo geral, a hierarquização social é consequentemente uma hierarquização epistêmica. Muitas das literaturas mais famosas e debatidas no meio literário também são de lá ou então, mais recentemente na história, dos Estados Unidos da América. Além disso, a lógica do ocidente, do Brasil, é advinda da Europa. Esse eurocentrismo tem dois problemas principais. O primeiro é a forma que ela chega às outras regiões do mundo, na grande maioria, por meio da colonização, brutalmente, anulando as culturas já existentes nos territórios conquistados, além da brutalidade física. Resistir ao eurocentrismo é o que chamamos *decolonialidade*, tentar resgatar minimamente o que foi perdido e o que continua sendo silenciado por causa da cultura colonial. Sempre marcando uma posição de que, se por um lado não podemos propriamente estar fora dessa imersão colonial, ideológica e violenta,

⁴⁰ Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Formação Cultural e Sociedade, da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

podemos sim, a partir da reflexão crítica, pesar desde o nosso lugar de subalternidade e resistir.

Outro ponto problemático do eurocentrismo é a padronização, esta mais ligada ao capitalismo, à venda e consumismo. Adorno (2002) chama de Indústria cultural a transformação de bens culturais em produtos de consumo. Os problemas disso, falando de culturas diversas sem contar os problemas ambientais, éticos e humanos, é que se padroniza o desejo para vender mais, as culturas diversas, que são chamadas de menores acabam sendo anuladas. E como o ocidente advém da cultura europeia, o que se vende é europeu. É importante ressaltar que a lógica do sistema é a venda, se o povo começa a resistir e se manifestar, os produtos começam a ser diversificados, mas não com intuito genuíno de valorização de todos de maneira igual, mas com o intuito de venda e mercadorização.

O que tentamos aqui é, da nossa forma, com as leituras e apoio que conseguimos ter, mesmo a partir de alguns autores europeus, pensar criticamente a literaturas não europeia, em solo não europeu. Acreditamos que a resistência no meio acadêmico precisa ser contínua, por isso continuaremos lendo, escrevendo e compartilhando ideias constantemente, ainda que algumas não estejam totalmente da forma que idealizamos.

Para isso, o conto *A menina de futuro torcido* (COUTO, 2013) é colocado no centro da discussão. Assim, o principal objetivo do trabalho é discutir, a partir de um conto africano, os limites e potencialidades do feminino nas narrativas africanas, bem como o modo pelo qual o feminino é apresentado, por meio do conto, e quais suas constelações/relações no mundo. Tendo em vista contribuir para a ampliação de perspectivas sobre as narrativas africanas.

Em vez de objetivos específicos, concretos e determinados de fora ou anteriores às análises, pensamos em algumas questões norteadoras como: de que maneira o conto evidencia os limiares do devir do feminino e suas constelações conceituais? As ficcionalidades expressam a historicidade das representações do feminino? De que maneira os arquétipos, figuras ou imagens (cognitivas e/ou emocionais afetivas) dos femininos são expressas e de que maneira sinalizam para transformações sócio-históricas dos sentidos do feminino?

Em termos teórico-metodológicos a pesquisa se caracteriza como qualitativa de cunho bibliográfico. Utilizamos a abordagem ensaística e a revisão narrativa de literaturas. A escolha pela abordagem ensaística se dá pela infinidade de elementos, camadas e prismas que o conto, embora curto, pode proporcionar. Aspectos que podem ser explorados, e com os quais podemos auscultar as inter-vocalidades do texto e o que elas podem dizer. Além disso,

o pensamento constelativo perpassa a escrita e traz um amplo repertório ao texto, pois consegue abarcar discussões amplas que aparecem no conto e seus desdobramentos. Dessa forma, pensamos prioritariamente em três pontos da constelação. Eles seriam, na verdade, uma constelação de três núcleos (ou pontos) e seus avessos, suas polaridades intercambiáveis. Os momentos dessas polaridades e as tensões das suas cargas de intimidade e extimidade dizem respeito a uma certa centralidade provisória e flutuante desse devir constelativo.

Além da introdução, em que apresentamos, de modo geral, o nosso trabalho, organizamos o texto em dois pontos principais. Neles estão agrupados e aninhados os aspectos conceituais e teóricos de fundamentação de revisão de literatura, seguidos propriamente das análises e considerações. Desse modo, primeiramente, na seção *Miriades e Luminares: ou sobre as luzes que os guiam* tratamos de salientar aspectos de fundamentação teórica e conceitual, como o devir constelativo e uma breve leitura perspectiva dos desenvolvimentos das literaturas africanas e suas raízes sócio-históricas. Na sequência, na seção *Lendo Estrelas Fugidias*, pudemos dar vazão às leituras e discussões em torno dos aparecimentos dos elementos do feminino, entendido como um devir, isto é, como um processo complexo, dinâmico, dialético e, sobretudo, estético. Por fim, entretecemos algumas *Considerações Finais*, repassando o que foi possível desenvolver no decorrer do trabalho e nossas principais descobertas.

Miriades e luminares: ou sobre as luzes que os guiam

Este texto é, sobretudo, parte de um esforço por um entendimento e reflexão crítica, no âmbito das discussões contemporâneas do pensamento dialético-crítico, decolonial e de gênero. Além disso, experimentamos, elaboramos e engendramos possibilidades de expressividade partindo das literaturas, entendendo-a como um manancial de novas teses. Desse modo, antes de entrarmos propriamente na nossa proposta de leitura, consideramos importante indicarmos algumas bases teóricas.

Devir Constelativo

A primeira questão é que, no contexto desta investigação, quando falamos de constelatividade, de acordo com Silva (2016, 2017, 2020, 2021), nós estamos tratando de múltiplas relações. São encadeamentos e conexões que não trabalham necessariamente dentro

do princípio da identidade, já que se encontram dentro de uma lógica dialética. Isso significa, entre outras coisas, considerar a imanência dos objetos como algo básico.

Por meio dessa abordagem constelativa, podemos traçar uma espécie de cintilografia ou cartografia simbólica, um tipo de grafo ou mapeamento dos caminhos e itinerários paralelos, intercambiáveis e, em alguns casos, interconectados, que surgem e se fazem ouvir no decorrer do texto. Com relação a isso, segundo Adorno:

No elemento, burlesco, a arte relembra com satisfação a pré-história no mundo animal das origens. Os macacos antropomorfos do jardim zoológico executam em comum o que se assemelha a actos de um clown. A convivência das crianças com os clowns é uma convivência, que os adultos lhes recusam, com a arte, não menos do que com os animais. O género humano não conseguiu um tão pleno recalçamento da sua semelhança com os animais que não a possa reconhecer subitamente e ser então inundado de felicidade; a linguagem das criancinhas e dos animais parece identificar-se. Na semelhança dos clowns com os animais ilumina-se a semelhança humana dos macacos; a constelação animal/louco/clown é um dos estratos fundamentais da arte. [...] Admirar-se perante o carácter enigmático é difícil àquele para quem a arte não é - como para o estranho à arte - um prazer, ou, como para o conhecedor, um estado de excepção, mas a substância da própria experiência; essa substância, porém, exige dele que garanta momentos de arte e não abdique quando a experiência da arte abalar tais momentos. (ADORNO, 2000, p.186)

Adorno coloca três figuras, ou três elementos de uma constelação, que seriam: o palhaço, a criança e o macaco, no zoológico. Ele vem traçando vários aspectos, vários elementos do que seriam, digamos assim, gestos, sinais, ou fatores de certos sintomas, ou fragmentos, de um percurso social e histórico, simbolicamente articulados. São aspectos que sinalizam alguma coisa de uma pré-história humana, uma espécie de balbuciar, um tipo de desequilíbrio ou titubear, uma espécie de falta de sentido ou *nonsense* que está presente nessas três figuras.

Isso se apresenta nos discursos dessas representações, nas ações delas, nas conjunturas em que elas performam. Sinalizando, de certo modo, uma espécie de pré-história filosófica, simultaneamente risível e sinistra, do que seria o ser humano. São atravessamentos que dizem respeito a uma história filosófica dessa maturidade. De certa maneira, tudo isso está presente nessas três figuras, elaborado de um modo prismática, evidenciando um processo de amadurecimento, cujo sistema de orientação identitário é, muitas vezes, extrínseco ao próprio desenvolvimento subjetivo. Isso deixa transparecer percursos, contornos e movimentos. Tracejados, que evidenciam algo importante sobre o que investigamos.

Esse mapeamento não é apenas uma desmontagem ou desconstrucionismo. Longe disso, o que esperamos é proporcionar que nosso objeto desenvolva sua autoconsciência e,

nesse processo, se abra, por meio desses conceitos, sem, contudo, equiparar-se a eles. O que propomos é uma estratégia para compormos uma cosmovisão constelativa, baseada numa postura crítica. Ou seja, suspendendo certos elementos, descamando algumas superfícies e percorrendo certos rizomas e emaranhados, queremos entender um pouco mais profundamente a sua verdade imanente para, assim, compreendermos as possibilidades de transformação da realidade.

Ficcionalidades Sociosimbólicas do Feminino: Um breve Panorama

Historicamente, no ocidente, para dizer o mínimo, as mulheres têm sido associadas à falta de razão, à sensibilidade exagerada, irracionalidade, fragilidade, entre outras categorias, de um conjunto de binarismos nos quais elas teriam um lugar subalterno. No entanto, esse silenciamento, estigmatização e violência contra as mulheres não pode ser entendido sem considerarmos a gênese da nossa sociedade. Segundo Oyewumi,

Os últimos cinco séculos, descritos como era da modernidade, foram definidos por uma série de processos históricos, incluindo o tráfico atlântico de escravos e instituições que acompanharam a escravidão, e a colonização europeia de África, Ásia e América Latina. A ideia de modernidade evoca o desenvolvimento do capitalismo e da industrialização, bem como o estabelecimento de estados-nação e o crescimento das disparidades regionais no sistema mundo. O período tem assistido a uma série de transformações sociais e culturais. Significativamente, gênero e categorias raciais surgiram durante essa época como dois eixos fundamentais ao longo dos quais as pessoas foram exploradas, e sociedades, estratificadas (OYEWUMI, 2004, p.1)

Seguindo nessa lógica, de uma análise crítica sócio-histórica dos processos de generificação, talvez uma das principais mudanças ao longo do século XX foi a mudança do lugar da mulher nas sociedades. Entendemos que, principalmente, a partir de meados do século XX, a custa de muita luta houve alguns avanços consideráveis, embora insuficientes e mal distribuídos.

No dizer de Silva (2018), no período das duas grandes guerras, por diversos fatores que envolveram, inclusive, a necessidade da mulher sair para o mercado de trabalho, essas transformações foram se concretizando. Seja porque os homens foram lutar nos campos de batalha, morreram nesses campos, e estiveram ausentes da sua casa, mas também porque a própria máquina de guerra e a indústria bélica, em geral, demandou uma maior produção, em vários sentidos. De alguma maneira, as mulheres foram demandadas para o mercado de trabalho. Assim, a máquina de guerra solicitou o trabalho feminino, mas também é verdade que, ao longo do século XXI, os processos de industrialização e o mercado de trabalho

descobriram (ou redescobriram) o trabalho feminino. Especialmente, como um trabalho para o qual se podia pagar menos.

Dessa maneira, as duas grandes guerras produziram no século XX, na sociedade ocidental, um profundo questionamento de todas as instituições, daquilo que chamávamos civilização, e das suas violentas contradições. De alguma maneira, tornou-se muito evidente que, a assim chamada “civilização”, produziu grandes coisas, do ponto de vista material, técnico e talvez até científico. Porém, isso só foi possível engendrando e sofisticando a brutalidade e a violência já testada e burilada por anos de colonialismo, escravidão e tráfico de pessoas.

Num certo sentido, Auschwitz e os horrores da guerra foram só uma pequena ponta de um iceberg, escamoteado pela fachada da guerra, que no dizer de Mbembe (2018, p.30) “é tanto um meio de alcançar a soberania como uma forma de exercer o direito de matar”. Nesse sentido, o extermínio das populações, que as duas grandes guerras produziram, foi possível usando os desenvolvimentos tecnológicos da civilização, num processo que acabou por trazer transformações sociais.

Até hoje observamos nas estatísticas sobre salários, que o salário das mulheres costuma ser significativamente mais baixo do que o salário dos homens exercendo as mesmas funções, isso em todos os níveis da carreira. Como reitera Rodrigues (2016),

O Relatório do WEF reafirma que o grau de escolaridade mais alto das mulheres e sua longevidade são vantagens que atenuam as disparidades de gênero em escala global e melhoram um pouco o quadro geral. Entretanto, os dados sobre mercado de trabalho e participação política (mulheres em cargos de poder, no alto executivo ou no legislativo) lá estão para nos recordar que o núcleo duro das desigualdades entre os sexos está solidamente ancorado no âmago das relações de poder que, por sua vez, estruturam a escala de valores da sociedade contemporânea.(RODRIGUES,2016, p.57)

Também é comum que as mulheres, na indústria, por exemplo, façam o trabalho e funções de uma maior precisão e atenção, ou de uma experiência com certos tipos de movimentos com mais cuidado. De modo que o mercado de trabalho por um lado descobre o trabalho feminino e incentiva esse trabalho.

Por outro lado, não podemos esquecer de toda a emancipação da mulher. Este processo foi resultante, entre outras lutas, dos movimentos feministas que se fortaleceram em meados do século XX. Nesse sentido, conforme Tatiana Silva,

No contexto da independência em Guiné-Bissau, a contribuição das mulheres foi importante e permitiu alcançar objetivos em termos da organização de novas instituições. A participação efetiva no movimento de libertação também possibilitou,

de forma positiva, a mudança das mentalidades sociais, sobretudo nos meios rurais, em que existia uma maior resistência quanto à presença feminina nos lugares de decisão. (SILVA, 2018, p. 975)

Tudo isso tem a ver com um profundo questionamento sobre um certo modelo de família, que até então era tido como ideal, como desejável; um modelo centrado na autoridade do pai. O homem como uma autoridade moral, e também, como uma autoridade econômica, essas duas coisas estão bastante vinculadas.

A partir dos movimentos de libertação que vieram no esteio do pós-guerra, houve uma crise profunda das instituições em que todas foram profundamente questionadas; e a família, a partir daí, também entrou em crise. Ela foi confrontada, no seu arranjo, suas hierarquias internas e isso contribuiu bastante para essa emancipação feminina. As mulheres deixam de se submeter a esse poder masculino, ganham forças e poder. Sobretudo, conquistam vozes nas ruas, fortalecendo tradições de matriarcalidade e permitindo essa possibilidade de emancipação.

Tudo isso convive ainda com valores bastante arraigados, e sistemas simbólicos, identitários e subjetivos fortemente patriarcais. Coordenadas do lugar da mulher, do feminino da estigmatização e generificação e da exploração atrelada ao sistema sexo-gênero. Sinais e distinções que ainda implicam hoje em que temos que continuar na luta, no dizer de Martins:

A subalternização das mulheres no panorama cultural não é um fenômeno exclusivo continente africano, mas revela algumas especificidades que interessa destacar, não tanto no que concerne problemas de ordem social, mas sobretudo na perspectiva cultural e política que diz respeito à construção da noção de “literatura africana”, indissociável das representações da própria África, bem como à construção das narrativas nacionais dos diferentes países na pós-colonialidade. (MARTINS, 2011, p. 120)

Desse modo, como coloca a autora, embora haja especificidades culturais, políticas, históricas, entre outras, essa subalternização das mulheres pode ser observada nas literaturas africanas de diversas formas. Além disso, este pode ser um dos sinais, e pode ser parte de um questionamento mais radical sobre a própria base de uma pretensa ideia de uma África e de uma “literatura africana” como univocidade ou homogeneidade simbólica.

Esse e outros aspectos das transformações sociais aparecem sendo elaborados nas literaturas africanas, que são veículo e repositório da emancipação ético-política e das discussões críticas de novas e pujantes produções literárias. Nesse sentido, conforme Pupo,

[...] surgem representações de mulheres com uma espécie de obrigação de não se intimidarem, não ficarem esperando qualquer coisa de outrem, precisam não ter medo e ir à luta e se inventarem sujeitos. Porque a família não é mais idealizada. Porque as mães, mesmo as africanas, não são mais as mesmas que costumavam

aparecer na literatura mais canônica (leia-se, de autoria masculina). (PUPO, 2017 p.39)

O espaço das mulheres nas literaturas africanas torna-se mais complexo; e as literaturas africanas mudam, também, de forma geral, apresentando o constante resgate de temas políticos, sociais e históricos. Os autores começam a escrever pensando na contextualização, realidade e funcionalidade do africano, das mulheres como seres sociais importantes, as quais participam do processo cultural e histórico da África e não estão presos a clichês e estigmas.

Durante muito tempo, escreveram sobre o povo africano, de fora. Sendo geralmente, descritas as histórias por homens brancos. Então, é essencial dar espaço e contemplar as narrativas africanas contemporâneas, pois por meio da escrita ficcional os autores estão reconstruindo suas histórias e fortalecendo seus povos, recontando o passado, valorizando tradições e olhando para as necessidades e dificuldades internas; denunciando abusos, proclamando liberdade e consolidando sua cultura por meio das obras literárias.

Lendo Estrelas Fugidias

Nesta seção traremos elementos do próprio texto e partiremos para uma elaboração. Sempre num registro, digamos assim, adorniano, estético, ensaístico, constelativo, que diz respeito a essa pluralidade e proliferação das ideias.

O conto narra a história de um morador de uma localidade afastada que escuta falar de um jovem da região, descoberto por um empresário vindo de fora, se tornando um contorcionista famoso e muito rico. O drama da história é a preocupação desse homem com o futuro de seus doze filhos e a sua tentativa de transformar a filha mais velha em contorcionista, enquanto espera a chegada do empresário na região. Depois de muito sofrimento e adoecimento da garota, com os métodos mirabolantes do pai, finalmente o empresário chega e a menina é levada para ele. Acontece que quando o pai mostra a menina, o empresário alega que o contorcionismo já estava fora de moda, que o que está vendendo no momento são dentes de ferro. Triste, na volta para casa o pai lembra entusiasmado que a menina tem os dentes fortes, mas neste momento o corpo dela definha e cai no colo do pai.

Como fica evidente, e como já reiterou muitas vezes em várias entrevistas e textos, toda obra de Mia Couto está irrigada pelas histórias com as quais ele teve contato, pelas oralidades de Moçambique, suas pluralidades e culturas, como o conto “A menina sem

palavra” e “A confissão da leoa”. O autor bebe na fonte de tradições e mananciais simbólicos, visita vários mundos, mas não se detém somente em um.

A escrita do moçambicano desenrola temas valiosos, além da oralidade e tradições africanas, o autor escancara temas não só de vida e fortaleza, mas de abuso e pobreza. Consegue descrever várias realidades. Faz, com coerência e responsabilidade, narrativas reais com o amparo ficcional. Escreve sobre o que vê, a realidade que está à frente dos olhos, com tom de fantasia e de lúdico. Dessa forma, dá espaço para a reflexão e discussão, de extrema urgência, que é a consolidação das narrativas africanas nas literaturas mundial.

O conto começa apresentando o pai da personagem principal, dando ênfase na postura dele como homem pobre e patriarca da família, buscando incessantemente a solução da sua vida: ficar rico. “Joseldo Bastante, mecânico da pequena vila, punha nos ouvidos a solução da sua vida...” Percebe-se uma certa ignorância no homem, uma falta de conscientização; característica esta, consequência do capitalismo desenfreado e situações desiguais. Curioso que na empolgação do pai na busca pela melhora de vida, seus anseios aparecem:

Filomeninha amarrotava a olhos vistos. Parecia um gancho já sem uso, um trapo deixado.

— Pai, estou a sentir muitas dores cá dentro. Deixa-me dormir na esteira.

— Nada, filhinha. Quando você for rica hás-de dormir até de colchão. Aqui em casa todos vamos deitar bem, cada qual no colchão dele. Vai ver que só acordamos na parte da tarde, depois dos morcegos despegarem. (COUTO, 2013)

A história é a tentativa doentia para alcançar o que o personagem chama de riqueza, mas essa riqueza é exemplificada por ele com um item de necessidade. Em alguns momentos é possível pensar na tentativa do pai como ambição, ganância por riqueza. Mas, em outros momentos, parece ser a luta pela sobrevivência, pelas necessidades básicas.

É citado no texto que a menina que está treinando para ser contorcionista é a mais velha dos doze filhos, e ainda é uma jovem, assim a situação de pobreza é evidente. Para além de julgar ou apoiar de certa forma as atitudes do pai, é preciso pensar nas camadas sociais por trás dos fatos, em outras palavras, as atitudes doentias são sintomas de algo muito maior, que estamos tentando minimamente desvelar.

A postura do pai também levanta a questão da masculinidade, o que se espera do homem. Claro, não podemos comparar o sofrimento da criança, tampouco da mãe, que também não tem voz, com o sofrimento do pai. Mas a questão é que no sistema de opressão

todos, de alguma forma, sofrem. O mundo padronizado, com estereótipos e funções sociais rijas é doentio para todos os envolvidos, em diferentes escalas. Britto e Paula (2013) discutem a questão da masculinidade, o papel cobrado a ele, elucidando que essa construção de uma masculinidade hegemônica é nociva aos próprios e sujeitos e aos que o rodeiam.

Brito e Paula (2013) tratam a masculinidade como ideologia, em outras palavras, é uma noção construída socialmente. Mais especificamente, os autores trazem os apontamentos sobre o surgimento do patriarcado, surgimento da ideia de a mulher ser inferior. Historicamente, no caso, isso advém de duas ideias fundantes, a desvalorização simbólica das mulheres em relação ao divino e a metáfora aristotélica de que são seres incompletos e defeituosos. Esses ideais foram fundantes para a civilização ocidental; no caso, a civilização ocidental nasce sobre um alicerce e ideário de patriarcado. Os autores esclarecem de alguma forma o nascimento das relações de gênero que permanecem até hoje, o surgimento de uma civilização baseada no gênero, na valorização de um em detrimento do outro.

Mas o que intriga é ver questões da civilização do ocidente se destacarem na literaturas moçambicana. Faz sentido no mundo globalizado do século XXI, sob um sistema que roga a hegemonia cultural, esses elementos aparecem em ambos os espaços, mas se essa imposição aconteceu, quando foi e como? Oyewumi (2004) assume a posição de que as relações de poder africanas antes da chegada dos colonizadores não eram baseadas em gênero biológico, mas ligadas à idades e outras coisas. Essa 'transferência' de valores ocidentais para o oriente não foi sutil, foi imposição de valor com base na violência contra o povo, cultura, história e afetos da África.

Ao longo do texto, é notável a posição do homem em relação ao futuro da família. O sonho do pai é imposto à filha mais velha. Sem escutar a criança, apenas dá ordens. A esperança da riqueza é mais forte que a relação de cuidado. Não há tempo, o olheiro está chegando. A decisão está tomada, a mudança de vida vem, mesmo que doa. Será verdade? Quando o pai determina que a filha seja contorcionista, não pensa nos malefícios da prática sem auxílio adequado ou no sofrimento que a menina viveria. Aliás, os treinos viram atos de barbárie. O sofrimento é colocado como normal. É normalizado o sacrifício físico, o qual adoce a menina e a faz perecer. Da mesma forma normalizamos o sofrimento nesse sistema do capital. Não pode descansar. Não pode parar:

Quando a retiravam das cordas, a menina estava toda torcida para trás, o sangue articulado, ossos desconstruídos. Queixava-se de dores e sofria de tonturas.
— Você não pode querer a riqueza sem os sacrifícios — respondia o pai. (COUTO, 2013)

O sistema faz isso com as pessoas, às coloca nesse ciclo de sacrifícios sem fim, com a promessa de uma vida melhor; mas os sacrifícios nunca param, se modificam, como a mudança do espetáculo de contorcionismo para o uso dos dentes como forma de entretenimento, descrito no conto.

O empresário que chega à cidade, se forma metáfora ao capitalismo, que se configura como uma máquina de moer gente, por meio da barbárie, humilhação e deterioração dos corpos que lhes servem. A espetacularização do sofrimento a serviço do entretenimento novamente vem à tona. Mía Couto não é o primeiro a abordar o tema na literaturas, Franz Kafka (1984) escreve *Um Artista da Fome* nesse mesmo viés de sacrifício intenso. A morte da menina já tinha sido morte antes da parada do coração.

Chama atenção a suposta salvação vir de fora e ser ligada ao entretenimento. ABRAHÃO e SOARES (2009) indicam o pensamento de que as tarefas ligadas à força e à emoção serem atribuídas ao grupo negro, numa hierarquização de saberes e habilidades, o grupo branco é destinado à ciência, política, inteligência, tidos como superiores. Talvez desse imaginário histórico social descenda a postura do pai em relação ao sofrimento da garota, que tudo aguenta, que é forte e que se sacrifica em prol do bem comum, que no caso é da família.

Mulher não tem voz, vida ou controle sobre o que lhe é imposto/determinado/rotulado. A mãe não consegue se impor em favor da filha, apenas obedece aos comandos do marido. Percebe-se a relação de abuso físico e psicológico dentro do contexto familiar. A personagem principal não tem voz e nem vez. As mulheres presas à realidade desta família relatada se configuram em um processo de mortificação do eu, pois são invalidadas, silenciadas e transfiguradas. Muito mais a garota, que é menina e vive a infância.

Há de se pensar também no fato de ser uma filha, e não um filho. A família toda se beneficiaria dos esforços da filha mais velha de se transformar numa contorcionista renomada. Os fatos a colocam em duas posições parecidas, no tempo presente do conto ela não é, é um vir a ser, naquele momento ela não tem valor, não tem voz nem vez, nem sequer é um corpo reconhecido de cuidado, é apenas uma promessa. No futuro, quando chegaria o momento de ela ser, ela novamente estaria numa posição marginal, de servir para ela seria para, no caso para o entretenimento da plateia e para o sustento da família.

Sobre isso, Aristóteles (século IV a.C), São Tomás de Aquino (século XIII d. C.) e posteriormente, John Locke (século XVII d. C.) são filósofos que partilharam do pensamento de que a criança era uma coisa boa por ser um tipo de tábula rasa. Maleável,

volátil, que poderia ser ensinada, que poderia, no futuro, ser algo ou alguém pretendido, mas que no momento em que são crianças ainda não são algo (GRUMICHÉ, 2012).

A menina de futuro torcido pode ter o sentido de infância desses filósofos, que acreditavam que as crianças no futuro poderiam se contorcer, desdobrar para caber no papel que a sociedade estaria pedindo na época. Podemos entender como metáfora também para o feminino, que precisa se contorcer para caber nos espaços que não são feitos para as mulheres, numa padronização de tarefas, ideias e beleza que não consideram as singularidades.

Em contrapartida, desse ideal de tábula rasa, vem Rousseau (século XVIII d.C), o primeiro na filosofia ocidental a levantar a possibilidade de amar a criança pelo que ela é, a criança possuidora de qualidades. Entretanto, a educação proposta por ele é diferente para meninos e para meninas. A educação dos meninos voltada para a integralidade, enquanto das meninas, voltada apenas para serviços domésticos, a servilidade. Outra ponta dessa questão do futuro da menina é que o futuro dela era de servidão, de uma forma de outra, mesmo atrelada a entretenimento. Esses filósofos, porém, levantam hipóteses com base na região de origem, que no caso é Europa, mas suas teorias acabam respingando na África, como vemos representado no conto. Ficamos pensando quais eram ou como seriam as relações do feminino e da infância se a colonização não tivesse chegado de forma tão violenta (GRUMICHÉ, 2012).

Na atualidade, teorias e manifestos são desenvolvidas em contraposição a esse tipo de educação, como exemplo disso temos os livros de Chimamanda Ngozi Adiche, *Para Educar Crianças Feministas, um manifesto* (2017) e *O perigo de uma história única* (2019). bell hooks também escreve sobre isso na sua obra *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade* (2013). A passos lentos estamos traçando um caminho de resistência, no nosso lugar de educadores e pesquisadores.

Considerações Finais

De modo geral, entendemos que não podemos falar de feminismo, ou de decolonialidade, entre outras coisas, sem encarar o capitalismo de frente. Falar de racismo, de feminismo, é pura hipocrisia hoje em dia, se não corresponde, eticamente, a uma consciência prática. Todos sabemos a que custo a nossa sociedade funciona, e se não sabemos, não somos menos responsáveis. De modo que, se não encaramos isso, todo esmero e esforço teórico se torna mera encenação.

É preciso resistir de alguma forma, não temos fôlego para apontar a solução para o problema, no entanto, podemos pensar em formas de resistência. Do lugar que ocupamos, de educadores e estudiosos Latino-americanos, não ficarmos apenas em leituras europeias é resistir, olhar para as nossas próprias escritas, ler autores africanos, sul-americanos, pensar sobre os problemas representados, aprender. Ensinar é resistir, escrever sobre o que lemos, aprendemos e ensinamos também é resistir. Pode ser que as nossas formas de resistências não sejam, por enquanto, ideais, mas o fato de estarmos incomodados com a situação já é melhor que a completa aceitação passiva.

O conto *A menina de futuro torcido* evidencia os limiares do devir do feminino representativos do que acontece na África, mais especificamente, em Moçambique. Mas pudemos perceber muitas semelhanças com o Brasil e esboçar algum entendimento sobre essa semelhança, ainda que em espaços geográficos distintos. A hipótese baseada em Oyewumi (2004) e Brito e Paula (2013), entre outros autores, é que a colonização estendeu, violentamente, as relações de gênero da metrópole para as colônias, para os espaços roubados/invadidos. Pudemos perceber constelações conceituais entre o feminino, a pobreza, o entretenimento, o silenciamento, o desespero pela sobrevivência.

Os arquétipos, figuras ou imagens (cognitivas e/ou emocionais afetivas) dos femininos são expressas, no conto em questão, por representações da filha e da mãe. Por meio dessas imagens, pudemos perceber questões de gênero e questões do tratamento da infância feminina. Os principais pontos são, por exemplo, o feminino e a infância feminina representada como sem voz e sem vez, e mais especificamente a última, como contorcível, adaptável, adequável, ao desejo do pai, que também é desejo do empresário de servir entretenimento.

A questão da servilidade da filha e o seu adoecimento, para se contorcer, são sintomáticos de uma sociedade que cobra uma espécie de contorcimento das mulheres para caber em papéis sociais estabelecidos, contorcimento esse que adocece ou mata. Outro ponto importante, na discussão, foi o papel do entretenimento na vida da família, como única saída, como único espaço possível de futuro melhor.

Essa situação fictícia também é sintomática de uma sociedade que aceita a mulher, mais especificamente mulher não branca, apenas em lugares considerados ‘não-sérios’ ou subalternos, e que mesmo para isso é preciso certo contorcimento. Fica implícito no conto que os lugares possíveis de a menina caber sem o contorcimento são lugares que não dão retorno financeiro ou prestígio, e que para isso é preciso servir ao entretenimento.

Como encontramos muitas semelhanças nas representações do feminino da África com o feminino Brasil, ficou latente o porquê dessa semelhança em dois lugares geográficos colonizados, e a emergência de recuperar de alguma forma, se é que isso é possível, a lógica, cultura, patrimônio, vivência próprias dos lugares, e não dos colonizadores. Em outras palavras, muito do que foi perdido não pode ser recuperado. Contudo, é possível olhar com atenção para o que existe, o que veio de fora e o que era original, e mudar, criar e recriar as relações, as culturas, as literaturas, a vivência dos lugares originais, isto é, Brasil e África, e não continuar importando coisas dos colonizadores.

O espaço de um artigo científico é pequeno para conseguir esboçar com clareza o devir feminino nas literaturas africanas. O que fizemos foi pegar um conto apenas e destrinchá-lo e, ainda assim, algumas questões não tiveram espaço de ser aprofundadas. As questões abordadas e aprofundadas poderiam ser mais ainda desdobradas, com mais autores, se tivéssemos uma amostra maior de contos, por exemplo, mais questões poderiam vir à tona, mas fizemos o possível dentro do formato de trabalho.

Uma alternativa é ir conduzindo esse mapeamento, essa análise de literaturas africanas a passos lentos, isto é, construir outros artigos para abordar as questões que não conseguimos abordar aqui, artigos analisando outras obras e quem sabe a partir de outros teóricos, no futuro.

Referências

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **O elogio ao negro no espaço do futebol: entre a integração pós-escravidão e a manutenção das hierarquias sociais.** Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 30, n. 2, p.9-23, 2009. Disponível em: <<http://www.oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/433>>. Acesso em: 09 mar. 2018.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 60 p. Tradução de Denise Bottmann.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 44 p. Tradução Julia Romeu.

ADORNO, Theodor. **Teoria estética,** Edições 70. 2000.

ADORNO, T. W. (1984). **Dialética negativa** (J. María Ripalda, Trad.). Madrid: Taurus.

ADORNO, Theodor W.; DE ALMEIDA, Jorge Miranda. **Indústria cultural e sociedade.** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BRITO, Gabriel Ferreira de; PAULA, Josías Vicente de. A masculinidade e a ideologia: a socialização masculina. **Opsis**, Catalão, v. 13, n. 02, p. 173-188, jul. 2013. Semestral. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/23404/15914>. Acesso em: 04 fev. 2022.

COUTO, Mia. **A menina de futuro torcido**. In: COUTO, Mia. A menina sem palavra: histórias de Mia Couto. São Paulo: Boa Companhia, 2013. p. 105-113.

DA SILVA, Alex Sander; DE AZEREDO, Jéferson Luís; DE BITTENCOURT, Ricardo Luiz. **O pensamento em constelação adorniano como possibilidade de reflexão crítica sobre as práticas formativas em contextos educativos**//Thought on Adorno's constallation as critical reflection possibility of practice formation in educational contexts. **CONJECTURA: filosofia e educação**, v. 21, n. 2, p. 275-287, 2016.

DA SILVA, Alex Sander; MWEWA, Christian Muleka; DA SILVA CABRAL, Gladir. **Narratividade, memória e experiência: anotações em contos afro-brasileiros** (Narrativity, memory and experience: notes in afro-brazilian stories). *Revista Eletrônica de Educação*, v. 11, n. 2, p. 398-406, 2017.

DA SILVA, Alex Sander; DE OLIVEIRA, Marta Regina Furlan. Teoria Crítica e Educação em tempos de exceção. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 21, n. 229, p. 03-14, 2021.

DOS SANTOS BERNARDO, Ane Cristine; DA SILVA, Alex Sander. A inserção da literatura afro-brasileira e as suas contribuições perante a construção da identidade da criança na educação infantil. **Revista Saberes Pedagógicos**, v. 4, n. 1, p. 23-38, 2020.

GRUMICHÉ, Mônica Cristina Dutra. **Da Ideia de Infância em Jean-Jacques Rousseau ou do "sono da razão"**. 2012. 166 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/100465/309796.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 ago. 2021.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2013. 283 p. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/sele%C3%A7%C3%A3o_2020.1/hooks_-_Ensinando_a_transgredir.pdf. Acesso em: 07 fev. 2022.

KAFKA, Franz. **Um Artista da Fome e A Construção**. Trad. Modesto Carone. Atelier Paulista: São Paulo, 1984.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. N-1 edições. São Paulo, 2018.

MARTINS, Catarina. **“La Noire de...” tem nome e tem voz. A narrativa de mulheres africanas anglófonas e francófonas para lá da Mãe África, dos nacionalismos anticoloniais e de outras ocupações**. **E-cadernos CES**, n. 12, 2011.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. **CODESRIA Gender Series**, v. 1, p. 1-8, 2004.

PUPO, Joana D. **Representações de gênero, raça e classe na literatura de mulheres negras na África do Sul pós-apartheid**. 2017.

RODRIGUES, Sónia Maria Pereira. **Microcrédito e o desenvolvimento económico na região da África Subsariana: o caso da desigualdade de género**. 2016. Tese de Doutoramento.

SILVA, Tatiana Raquel Reis. Lutas e Formas de Organização Feminina em África: considerações sobre Guiné-Bissau, Moçambique e Cabo Verde. **Revista de Políticas Públicas**, v. 22, p. 969-986, 2018.

THE FEMININE AS A BECOMING CONSTELLATION ON AFRICAN LITERATURES: A SIGHT TO A TALE OD MIA COUTO

Abstract

This work deals with the feminine as a constellation in becoming. In particular, we elaborate some aspects of a topology of female subjective expression, through the reading and analysis of the short story “A Menina de Futuro Torcido” by Mia Couto. Our central question is: in what way does the tale evidence the thresholds of the becoming of the feminine and its conceptual constellations? To explore this issue, we established an essentially bibliographic methodology, but we also made use of elements and instruments such as narrative review and an essayistic approach. We start from three preliminary notions, which help us in the reading, but we don't cling to them in terms of categories. With the support of authors such as Oyewumi (2004), Adorno (2000), Silva (2016, 2017, 2020, 2021), among others, we outline and highlight some reflections on the feminine, understanding it as a constellative becoming. We were able to perceive many similarities with Brazil and sketch some understanding of this similarity, albeit in different geographical spaces. The hypothesis based on Oyewumi (2004), Brito and Paula (2013), among other authors, is that colonization violently extended gender relations from the metropolis to the colonies, to stolen/invaded spaces. We could perceive conceptual constellations between feminine, poverty, entertainment, silencing and despair for survival.

Keywords

Feminine. African literature. Constellative thought.

Aprovado em: 31/03/2022.